

A paixão genealógica na era das novas formas de parentesco: verdadeiro ou falso paradoxo?¹

Sylvie Sagnes

Exercício que consiste em reconstituir uma ou duas séries de ascendentes e em estabelecer uma filiação, a genealogia se revela uma prática bastante antiga no velho continente. Ela remonta, efetivamente, ao século X, a uma época em que o poder régio, em decomposição, criava as condições para a emergência da aristocracia. Essa se organizou a partir do modelo da realeza, ou seja, em linhagens com transmissão, pela descendência masculina, do patrimônio, do nome, dos títulos e da honra. A genealogia servia para estabelecer a antiguidade e o prestígio dessa hereditariedade. Ao longo dos séculos, esse gênero literário, desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se, incorporou a lenda, o mito e o imaginário, para ancorar a linhagem sempre mais longe no tempo, até o coração da época carolíngia, e abrir lugar para antepassados, heróis exemplares, modelos de virtude. Dotada assim de um alcance moral, a genealogia era o lugar onde se forjavam a ética cavaleiresca e, com ela, algo de uma consciência de classe.

Uma nova onda de produção genealógica pode ser observada no século XIV. Desta vez, ela diz respeito às dinastias reinantes, sequiosas de fundar sua legitimidade em ilustres origens longínquas. Mas é sobretudo na França, durante o século XVII, o Grande Século de Luís XIV, que a

1 Este capítulo foi redigido em 2013 após uma estadia de ensino e pesquisa na Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Gostaria ainda de agradecer a Miriam Grossi e Agnès Fine por esta iniciativa à qual elas generosamente me integraram.

[VOLTA AO SUMÁRIO]

prática explode: ela acompanha a crise em que a nobreza entra então. A antiga, militar, dita “de espada”, sofre então a concorrência da nobreza “de toga”, aquela que se adquire com o dinheiro, graças à compra de um ofício ou de um cargo, ou seja, de uma função a ser exercida na administração do reino (corte de justiça ou de finanças). Fontes importantes de renda para o tesouro real, a venda e a confirmação (para as gerações seguintes) desses títulos só podiam ser vistas com maus olhos pela nobreza dita também “de extração”, que não tarda a falar em “sabonete de vilão”. Velha e nova nobrezas enfrentam-se então: os louros ficam para quem puder se ufanar da mais antiga, da mais enraizada, da mais prestigiosa ascendência. O Rei, que aposta nessa concorrência para manter as rédeas da antiga nobreza e de suas pretensões, chega até a criar o cargo de genealogista das ordens do Rei e o de juiz de armas. Em outros termos, ele estabelece um corpo de peritos encarregados do controle do estatuto nobiliário e da legitimidade dos privilégios que este acarreta. Esse controle do saber genealógico, remunerado, está longe de ser imparcial, já que passa a ser possível, a partir de então, comprar-se um passado nobiliário. Alguns, especialmente entre os “novos” nobres, podem decidir economizar com esses novos serviços e, considerando que “se se quer algo bem feito é melhor fazer você mesmo”, tornam-se genealogistas improvisados, especialmente nos livros de razão que Sylvie Mouysset (ver contribuição neste volume), a exemplo de Christiane Klapisch-Zuber (1990), estuda.

A Revolução francesa deveria, em teoria, ao suprimir os privilégios fundados na nobreza, extinguir para sempre essas febres genealógicas episódicas. Ora, não foi o que se deu e, curiosamente, desde a aurora dos anos 1970, assiste-se mesmo a uma nova pandemia: a prática da genealogia se tornou, a partir dessa década, objeto de um entusiasmo sem precedentes na França. Essa atividade, até então reservada às elites, conhece uma verdadeira democratização, difícil, no entanto, de quantificar com precisão. Não nos deteremos aqui no detalhe dos cálculos e estimativas, ainda mais que nunca se chega, por esse caminho, a um total satisfatório. Na verdade, parece-me que, melhor do que as cifras, o impulso que o mercado das

genealogias recebe permite que tenhamos uma ideia da amplitude desse fenômeno. Basta pensarmos nas solicitações diversas e variadas que pontuam nosso cotidiano: as revistas especializadas (*Gé-Magazine*, a *Revue française de généalogie*) que transbordam as vitrines das bancas de revistas, os guias práticos que despontam nas prateleiras das livrarias e, mais do que tudo, os sites de internet cuja interminável lista invade nossas telas assim que nela inscrevemos um patronímico.

As altas dessa febre não deixam de intrigar. Martine Ségalen e Claude Michelat foram os primeiros a se debruçar sobre a questão, vindo nela a prova da “renovação do sentimento familiar” (SÉGALEN e MICHELAT, 1991: 194) e da permanência da família “no coração do imaginário social” (*Ibid.*, p. 208). Fica-se tentado a prosseguir na mesma direção, posto que esse sucesso advém no momento mesmo em que se desenvolvem novas formas de parentesco (recomposições familiares, adoção, procriações medicamente assistidas, etc.). Pode-se, de fato, desconfiar de que a coincidência não é fortuita. E, levando mais longe a análise, não se poderia aventar a hipótese de que a genealogia é uma forma de valorização dos modelos de parentesco tradicionais, ou, caso se prefira, um movimento de reação diante de um parentesco cada vez mais heteróclito?

Para aclarar esse ponto, nossa análise se apoiará, por um lado, em pesquisas feitas com genealogistas isolados e membros de um círculo rural no *Midi de la France*, *Histoire et Généalogie en Minervois* [História e genealogia em Minervois], e, por outro, na consulta à importante e rara coleção de monografias genealógicas reunida na sede de Toulouse do *Cercle Généalogique de Languedoc* [Círculo Genealógico de Languedoc]. Antes de entrar no cerne da questão, convém precisar que os materiais trabalhados aqui foram reunidos entre 1993 e 1995, num momento em que o recurso à “mecânica”, à informática e à internet ainda não era tão difundido quanto o é hoje. Evolução que não pode ser negligenciada em sua capacidade de afetar a prática genealógica em todos os seus níveis: consulta de arquivo, hoje possível sem sair de casa, graças à digitalização e disponibilização on-line dos registros; a reconstituição genealógica e sua formatação revolucionada

pela disponibilização no mercado de softwares de genealogia cada vez mais sofisticados; e a sociabilidade genealógica proliferante através de blogs e fóruns on-line.

Isso posto, a julgar pelo Étude sur les usages de l'internet par les généalogistes [Estudo sobre os usos da internet pelos genealogistas] realizado pelo departamento de público da DAF [Direção dos Arquivos da França] em 2007, a incidência desses dispositivos não chegou a revolucionar a prática genealógica e, portanto, não chega a invalidar as conclusões que tiramos desses dados coletados há quase vinte anos. No que diz respeito especificamente à internet, o estudo citado demonstra, em primeiro lugar, que a genealogia *on-line* não substitui a genealogia *off-line*, apenas a facilita. Mais exatamente, o recurso à internet aumenta a eficácia da pesquisa. Além de permitir uma enorme economia de tempo, já que dá acesso imediatamente a todo tipo de informações (informações práticas sobre os serviços de arquivos, indicações sobre os métodos e as fontes, dados sobre os círculos e associações...), ele possibilita uma maior flexibilidade na condução da pesquisa. Sempre disponíveis, as páginas *on-line* não restringem mais a pesquisa aos horários de abertura das salas de leitura. É interessante observar, aliás, entre as conclusões desse estudo, que os sites comerciais são mais frequentados, ou ao menos mais conhecidos, pelos “geneonautas”, do que os próprios serviços de arquivo. Essa menor procura se deve ao fato de que as salas de leitura reais são preferidas às salas de leitura virtuais. Os genealogistas que sondamos apreciam naquelas a ajuda competente que recebem, a convivialidade inerente à frequência dos profissionais e genealogistas que lá encontram e, finalmente, o contato direto que podem ter com o arquivo (sobre esse ponto, ver SAGNES, 1997).

Se, no fim das contas, a proliferação dos meios colocados à disposição dos caçadores de antepassados ao longo das duas últimas décadas não transformou a prática genealógica tanto quanto seria de se esperar, em contrapartida, ela multiplicou as possibilidades de apreensão dessa paixão. A internet, oferecendo uma tribuna inédita aos genealogistas, coloca à disposição do etnógrafo um material que, embora lacunar e frequentemente

pouco documentado, lhe permite facilmente estar a par do estado da arte. De fato, algumas confidências deixadas em blogs e fóruns serão mobilizadas para sustentar a demonstração aqui apresentada.

Hereditariedade e identidade

Relativo, o alcance das evoluções em curso não chega, portanto, a debilitar o intenso sentimento de hereditariedade que anima ainda e sempre o genealogista, a ponto de esse até preceder o sociólogo ou o etnólogo na via da interpretação: “Pergunto-me justamente se não é por reação que as pessoas fazem genealogia, porque não há mais espírito de família e elas precisam se aferrar a ele remontando mais acima, dado que agora isso desapareceu. Acho que isso impulsiona muito a que se faça genealogia”. Servindo-se de tudo que encontra pela frente, o mercado da genealogia faz, por seu lado, da salvaguarda desse espírito de família supostamente ameaçado um argumento de peso para acabar de convencer aqueles que se veem tentados pela aventura: “No plano da política sociofamiliar, na era das famílias decompostas e recompostas, a genealogia se afirma como um poderoso fator de redinamização dos valores positivos do grupo familiar, assim como um fator de reforço das coesões familiares e de reativação do diálogo intergeracional”². Reciclada para fins comerciais, a intuição formulada no campo à maneira de uma sociologia “selvagem” tem o mérito de dar conta ao mesmo tempo da natureza paradoxalmente passadista da “renovação” e das inflexões nostálgicas do “sentimento familiar”.

Sentimento esse que os genealogistas exprimem de maneiras diversas. Apoiando-se nas palavras, eles falam de um “sentimento de encadeamento”, de “elos que se alinham e se encadeiam [...] na longa e inesgotável força da vida para chegar até nós, humildes elos entre nossos semelhantes,

2 Extraído do sítio eletrônico: <http://www.beaucarnot-genealogie.com/contenu/genealogie/accueil-genealogie/6-les-apports-de-la-genealogie/>.

que prolongamos a raça através dos séculos”³. Ou então, utilizam a imagem da árvore, que preferem a qualquer outra quando se trata de representar sua ascendência. E não sem razão! A seiva e os ramos simbolizam com perfeição a partilha e a circulação de um mesmo sangue. As intenções que atribuem a seu empreendimento afirmam também, não mais em termos de herança e sim de transmissão, esse pertencimento a um todo familiar que os ultrapassa. Àqueles que querem “deixar um rastro”, fazem eco aqueles que proclamam que “é pelos meus filhos que faço isso”, inclusive aqueles que não os têm. Pareceria, portanto, à primeira vista, que a busca genealógica visa à celebração de certa ideia da unidade e da perenidade da família. Mas penetremos mais fundo na intimidade da prática, ainda que seja apenas para avaliar a resistência oposta à nova economia dos laços familiares.

O que chama a atenção do observador, uma vez ultrapassado o limiar das evidências, é incontestavelmente a grande diversidade das maneiras de se proceder quando a matéria é genealogia. Cada reconstituição genealógica é singular, em seu conteúdo e em sua forma, por mais que todos os genealogistas recorram mais ou menos aos mesmos materiais (registros em cartórios e paróquias). Ao lado daqueles que operam em dupla ascendência, como preconizam os guias, manuais e revistas, vários outros perfis aparecem. Jacques pesquisou unicamente sua ascendência masculina, depois recenseou todos os descendentes do mais longínquo ancestral: oitocentos primos que ele se esforça por reunir a cada três anos. Já Geneviève procede em dupla ascendência e se dedica, além disso, ao levantamento sistemático dos atos de estado civil de sua comuna, a fim de não deixar escapar nenhuma oportunidade de reunir seus primos no vilarejo. Quanto a Mireille, ela se dedica a reconstituir as genealogias cruzadas das famílias que, ao longo dos séculos, ocuparam o castelo que seu marido acaba de comprar de volta para sua família. Podemos citar ainda essa maneira particular de praticar a genealogia que é a genealogia denominada *people*. Ela consiste, para o genealogista, em encontrar conexões entre sua ascendência e aquela de

3 Monographie familiale [Monografia familiar].

celebridades. Um belo exemplo desse tipo de pesquisa foi dado recentemente pelo programa de televisão *Envoyé spécial, la suite* [Enviado especial, a continuação], transmitido no final de outubro de 2012 no canal France 2. Ali víamos Thierry Chestier, presidente do *Cercle généalogique poitevin* [Círculo genealógico de Poitou], encontrar diante das câmeras Jean-Pierre Foucault (animador de programas de TV muito populares) e em seguida Joël Robluchon (grande cozinheiro francês), seus “primos”.

A busca genealógica procede assim de uma abordagem fundamentalmente seletiva. A infinitude do campo em ascendência, descendência e colateralidade estimula essa diversidade de abordagens que também se deve ao estado do material arquivístico, mais ou menos lacunar. Mas essas restrições não excluem escolhas deliberadas, que os genealogistas nem sempre sabem justificar: “Há ramos que me atraem mais do que outros, não sei o porquê”; “Então, isso varia! Muitas vezes é porque o nome me agrada. É verdade que há nomes que me agradam mais do que outros, há aqueles de que não gosto”. O enunciado de Dominique faz eco singularmente àquele de Jean-Marie, um genealogista do interior da França que se derrama numa página de seu blog:

Como explorar sua árvore? É preciso distinguir o tronco, o grau e a linhagem. O mais emocionante, o mais interessante, é sem dúvida a exploração por linhagem (a linhagem sendo a série das pessoas que descendem do tronco em diversos graus). E o prazer de encontrar um antepassado de que se gosta mais do que dos outros. Sem saber por quê. A árvore que esconde a floresta. É uma coisa estranha, isto: o antepassado preferido. Gosto mais dele que dos outros e não sei por quê. E não tentem me fazer acreditar que sou o único assim. Sei que você também tem um antepassado favorito. E que não me perguntem por que faço genealogia. Não respondo a questões idiotas. É como se me perguntassem por que respiro⁴.

4 Extraído do sítio eletrônico: <http://www.geneprovence.com/2012/07/au-pied-de-mon-arbre-genealogique.html>.

Sophie concorda:

Cada um tem sua própria motivação genealógica, um procura ter o máximo de antepassados possível, o outro quer remontar o mais longe possível, enquanto um terceiro tenta simplesmente compreender como viveram seus antepassados. Faço parte dessa última categoria, embora minhas pesquisas não sejam tão profundas quanto gostaria. Mesmo assim, dou-me o tempo de me demorar num antepassado que, por não sei que razão, me toca mais do que os outros⁵.

Na verdade, essas escolhas não são tão infundadas quanto nossos “genealófilos” afirmam. Para cada um deles, o passado escavado e triado é intimado a lhes fornecer explicações sobre sua personalidade, em todas as suas facetas: fisionomia, traços de caráter, gostos e repulsas, posição social, origens geográficas. A procura por semelhanças – já que, no fim das contas, é disso que se trata – usa tudo que encontra à sua frente. Tira partido tanto de antepassados sobre os quais as fontes informam na verdade bem pouco, fornecendo quando muito um sobrenome, nomes, um ofício, um lugar, quanto de “primos”, ou seja, parentes em graus muito distantes, exutórios tangíveis das fantasias da hereditariedade. A busca por esses últimos pode se tornar a prioridade do genealogista. É o caso de Jacques, que, para “reencontrar” todos seus primos homônimos, passa em revista todas as listas telefônicas, mas também de Geneviève, que encontra primos em seu vilarejo esquadrinhando os registros de estado civil da prefeitura. A descoberta de primos pode também ser incidental e acessória, o que não significa que seja desprovida de importância aos olhos do pesquisador. Assim, não há como superestimar o papel dos círculos, das revistas e dos sites de internet, e, mais amplamente, da sociabilidade genealógica. A ajuda cruzada certamente forma o fundamento, a justificativa primeira dos laços que os genealogistas tecem entre si, mas a perspectiva do encontrar “primos” acrescenta uma motivação suplementar ao desenvolvimento dessa sociabilidade.

5 Extraído do sítio eletrônico: <http://lagazettedesancetres.blogspot.fr/2010/08/genealogie-et-sentiments.html>.

Antepassados e primos são, portanto, convocados a dizer quem é o genealogista, para justificar o presente e uma identidade em busca de “confirmação” de si mesma (Ripert, 1997). Assim, Louis se interessa intensamente por seu antepassado senador, regozijando-se em dizer que “ele tinha ideias muito avançadas, muito contestadas, ora consideradas de direita por alguns, ora consideradas por outros como de esquerda, portanto ele estava no equilíbrio”, antes de concluir: “No final, sinto-me bastante próximo dele, o que é divertido, porque sou muito tolerante”. Já Pascale concentra toda sua atenção em sua antepassada costureira e em todos seus antepassados tecelões, graças aos quais compreende agora seu gosto e seus dons para a arte do *patchwork*. Danièle é filha de um refugiado espanhol, mas prefere dizer-se “meio catalã” a “meio espanhola”, como que para atenuar o caráter composto de sua ascendência paterna. Como seria de esperar, ela concentra suas pesquisas nos antepassados maternos e, nessa ascendência, privilegia aqueles que viveram no vilarejo onde ela própria reside:

Eu, aqueles que mais me cativam são principalmente os dois primeiros, Pierre e Marie. É mais forte do que eu... não sei por quê. São os primeiros que chegaram aqui. E meus avôs eu os amei já que, bem, eu os conheci. Mas se você soubesse, aqueles, eu os amo tanto quanto os que conheci. Não sei por quê.

Poderíamos multiplicar os exemplos, mas nos contentaremos em notar que, entre escolhas e esquecimentos, entre cálculos e manipulações, a genealogia não é nem mais nem menos do que um exercício narcísico arbitrado por um “eu” curioso e preocupado consigo mesmo. Não é Cosiris que nos contradirá, ele que proclama na rede:

O que a genealogia me trouxe? Minha identidade [...] Um dia digitei “genealogia” na internet e, desde então, fiquei viciado em minha vida anterior. Descobri quem eu era conhecendo melhor a vida dos meus, aos quais me pareço; sinto-me apaziguado”⁶.

6 <http://www.twikeo.com/niemand+/inscription-pour-recherchons-nos-ancetres-groupe-387-page-2.html>

Essa expressão de si aflora sem maiores desvios nas diferentes produções gráficas elaboradas ao final da pesquisa, a começar pelo brasão. De fato, certos genealogistas levam sua paixão até o ponto de se iniciarem na arte heráldica, em suas regras, seu vocabulário, e de representarem em símbolos e cores a história de sua família. René introduziu em suas armas uma “montanha de areia (de cor preta) com três picos” para evocar a *Montagne Noire* onde viviam seus antepassados paternos, mas nada que evoque o *Pays de Sault* e toda sua ascendência materna, originária desta região. Da mesma forma, apenas os ofícios exercidos pelos antepassados paternos são simbolizados, e René não se esqueceu de fazer figurar “o torquês e o martelo cruzados na aspa do brasão” de seu antepassado ferreiro que morava na localidade onde, há trinta anos, ele próprio elegeu domicílio, sem imaginar que alguns de seus antepassados tinham se estabelecido ali dois séculos e meio antes.

Os escritos do genealogista também deixam transparecer essa abordagem egocêntrica, mais particularmente visível em famílias que contam com dois ou três genealogistas. Claire iniciou seu pai René na genealogia, mas nem por isso eles trabalham de modo conjunto em suas pesquisas. Cada um por seu lado, eles colecionam fotocópias das certidões de batismo e nascimento, de casamento, de enterro e de óbito, organizando-os de maneiras sensivelmente diferentes (René por linhagem, Claire de acordo com o princípio da classificação Stradonitz); e produzem fichas de síntese que diferem, sobretudo, adivinha-se, do ponto de vista da forma (sentido das páginas, cor da tinta...). As monografias familiares que os pesquisadores mais perfeccionistas elaboram ao final de sua pesquisa descrevem também uma grande gama de possíveis. Ao caráter heteróclito de seu conteúdo, a escrita acrescenta ainda, jogando com as formas (manuscrita, mimeografada, impressa); com os formatos (A4, A5, formatos mais raros apresentados na vertical ou na horizontal); com os volumes (de 4 a 250 páginas); com os estilos que vão do enunciado telegráfico ao gênero erudito, histórico, passando pelo romance; e com as condições de produção (aniversário, encontro dos descendentes de um mesmo antepassado ou de “primos”, desejo de escrever...).

Poderíamos ser tentados a ver a razão dessa diversidade no fato de se tratar de um gênero que tateia e se experimenta, em busca de si mesmo, mas evitaremos isso já que não faltam modelos e indicações. Assim, e muito significativamente, vemos nossos genealogistas resistirem às formas de enquadramento de sua escrita que as árvores impressas, os livros de ouro e os *softwares* propostos pelo mercado da genealogia. Desses últimos, Louis não parece gostar muito: “Aí, você não pode ultrapassar. Você tem janelas e tem que escrever dentro das janelas. Aí, bom, talvez seja muito bonito uma janela, mas não sinto a mínima vontade de escrever dentro dela”. Com toda evidência, o genealogista aproveita-se da maneabilidade do escrito, da multiplicidade dos códigos escriturários, como se, mais uma vez, ele se desse a oportunidade de exercer sua escolha. Em suma, ele faz da escrita o lugar especificamente escolhido onde se materializa sua decisão de se parecer com tal ou tal antepassado, com tal ou tal primo. Essa escrita em que se inscreve a diferença pretende-se de certa maneira assinatura, produto de uma individualidade que encontra aí um modo de se exprimir em sua pluralidade. Escrita autógrafa de um autobiógrafo que não diz seu nome. Acontece, no entanto, de esse avançar com a cara à mostra. De fato, não é raro que o genealogista se entregue por meio de toques, inscrevendo em parênteses autônomos elementos de sua própria biografia, e até que, uma vez cortado o cordão da genealogia, ele se alforrie da justificação hereditária. É o caso de René que acabou pondo no papel suas recordações de infância e seu itinerário profissional.

Adotei uma sombra

A aventura genealógica pode assim ser reconduzida a uma autobiografia por procuração e, se devemos nos surpreender com alguma coisa, certamente não é com essa parasitagem autobiográfica. A gama das escritas comuns contaminadas pelo “eu” é ampla: escrita gestionária, votiva, profissional e, no domínio familiar, os álbuns de bebê (FABRE, 1993). Mais surpreendente é a natureza do parasitado. O genealogista enuncia na primeira pessoa

um relato votado, por essência, à apologia do “nós”, sem levar em conta, *a priori*, a incompatibilidade dos gêneros genealógico e autobiográfico. No final, a genealogia se coloca, paradoxalmente, mais a serviço de uma identidade de si do que de sangue. O genealogista manifesta de uma curiosa maneira a consciência hereditária que reivindica. Não somente ele a cultiva apenas para si, como também inverte sua lógica ao modelar sua história genealógica ao conhecimento que tem de si mesmo. No final, não é ele que se parece com seus antepassados e sim esses que se parecem com ele. Por certo, a modernidade não inventou a “deriva do gênero” (BURGUIÈRE, 1992). Os historiadores também assinalam essa alienação do conhecimento genealógico às necessidades de seu autor ou daquele que encomenda uma genealogia. No entanto, sob o Antigo Regime, essas manipulações visavam à elaboração de uma mitologia familiar. Consequentemente, não tinham muita coisa a ver com as bricolagens de nossos genealogistas que alimentam apenas fantasias pessoais.

Tamanha desenvoltura no que diz respeito à ordem da consanguinidade, somada a uma propensão à eleição, fazem com que a genealogia apresente bastantes similitudes com as novas formas de parentesco. Mas é bem mais essencialmente a obsessão identitária da qual o projeto genealógico origina-se que confirma o paralelo com os parentescos eletivos. A sociologia (ver especialmente SINGLY, 1996) mostrou muito bem o quanto a ética das relações familiares é hoje comandada pela expressão de si e pelo conhecimento das individualidades de cada um. Uma diferença importante compromete, no entanto, essa perfeita simetria entre práticas genealógicas e práticas familiares. Enquanto o genealogista extrai os recursos de suas construções identitárias do passado da família, o “novo” parente as encontra na pessoa dos “Pigmaliões” que são os cônjuges, padrastos, enteados, adotantes ou adotados. Esses não apenas o revelam a si mesmo, mas, além disso, colocam sobre ele um olhar que lhe dá a fé em si mesmo e o autoriza a tomar consciência daquilo que é. De qualquer forma, pareceria, portanto, que o genealogista pula a etapa da “conversação”, da “negociação” com outrem.

Em todo caso, não é do lado da família que o genealogista pode encontrar essa audiência que nos permitiria encaixar a experiência genealógica no capítulo das novas formas de parentesco. Aí, o genealogista só encontra indiferença: “Oh! Eles não estão nem aí!”.

Por enquanto, isso não os interessa muito. Na verdade, nem um pouco, e olha que somos bastante numerosos. Vou lhe mostrar o quadro de toda a descendência... Mas nenhum deles se interessa. As poucas coisas que pude fazer desaparecem no fundo de uma gaveta e acabou.

Indiferença, mas também reticência e incompreensão. O genealogista escuta frases do tipo: “Para quê isso vai lhe servir?”, “Não vejo o que há de interessante em fazer isso”, ou ainda; “Por que não deixa os mortos em paz?” Acontece até de os próximos do genealogista suspeitarem de alguma forma insanidade. Na família, o genealogista parece condenado a falar para as paredes. E não sem razão! Que singularidade poderiam lhe reconhecer aqueles que partilham o mesmo capital identitário que ele? É como se a expressão da identidade latente tivesse, nesse contexto, enganado-se de audiência. Para piorar, o genealogista compromete a “conversação” em seu conjunto. Monopolizando para ele uma identidade partilhada, ele nega a originalidade dos outros e se proíbe jogar o jogo da reciprocidade.

Na verdade, é voltando-se para os “primos” que o genealogista consegue criar sua necessária rede de reveladores. Estes se mostram mais inclinados a entrar no diálogo, por também sentirem falta de interlocutores, mas também porque a proximidade genealógica é menor e a referência genealógica comum menos central e essencial. O número de genes possuídos em comum é aliás tão irrisório que é até difícil falar em consanguinidade. Para dizer a verdade, o sangue tem uma importância relativa, para não dizer que serve apenas de pretexto. Aqueles que reconstituem a ascendência de seu cônjuge, ou os adotados que estabelecem a genealogia de seus pais adotivos são a prova disso. Adotam, sem maiores escrúpulos, os “primos” que encontram, tornando-os seus. Serge, o instigador do encontro de

primos Leroy e Hevenaeghel, resume bem a ambiguidade dos laços estabelecidos, de sangue sem sê-lo:

O encontro de primos não tem nada a ver com uma reunião de família. Os laços familiares dificilmente duram uma vida inteira. Em trinta anos de genealogia, aprendi que em todas as famílias há problemas. Todos os ramos de nossas famílias, assim como aqueles de outras famílias que tive a oportunidade de estudar, estão sujeitos a problemas, querelas, rupturas. Os laços da genealogia não têm nada a ver com os da família; estão bem acima disso, já que sobrevoam os séculos⁷.

A primazia da eleição sobre o sangue é aliás manifesta nas maneiras de consentir, ou não, nesses laços. O próprio genealogista pensa duas vezes antes de investir numa nova relação. Assim, Antoine hesita diante de um “primo” que pressente espaçoso:

Encontrei um Bordes e ele me convidou para jantar. E já faz algum tempo que ele me diz: ‘Quando é que você vem jantar?’ O coitado é viúvo. Então minha mulher disse: ‘Você não o conhece, não vai querer que a gente vá jantar lá, né? Ah, eu é que não vou!’ E eu também não....

A consanguinidade não tem aqui o poder de obrigação que exerce no círculo dos próximos. A recíproca é ainda mais verdadeira por parte dos não-genealogistas que, como Henri, recusam-se a jogar o jogo:

Várias vezes ‘convidado’ [para um encontro de primos], mas, a cada vez, consegui evitá-lo! Por quê? Rever as mesmas pessoas a cada três anos, rememorar suas histórias, falar de novo dos mesmos projetos, dos mesmos futuros me pesa muito. E, sobretudo, o pior, responder às mesmas sempiternas perguntas: ‘Por que não veio da última vez, e por que não viria na próxima’ (perguntas transmitidas pelos presentes aos ausentes). Afinal, um ou

7 <http://cousinade-leroy-hoevenaeghel-2012.e-monsite.com/pages/mot-d-accueil.html>

outro dos meus irmãos sempre me traz os fatos novos, poupando-me o peso de um dia... banal! Só coisas novas, falar daqueles que morreram recentemente! Um verdadeiro jardim dos prazeres...⁸.

Mais do que o sangue, a reciprocidade surge como necessária à formação desses laços. A falta de implicação dos “primos” no projeto dos encontros de primos é prova disso. Dos oitocentos “primos” recenseados, só uma pequena metade participa dos encontros organizados por Jacques.

Os “primos” não devem, contudo, mascarar esse outro potencial de reconhecimento que a busca dos antepassados constitui. Para estabelecer esses laços, Danièle não se contenta em percorrer os cemitérios e renovar os túmulos quando isso ainda é possível: “E muitas vezes, falo com eles, sei que é besta, mas gostaria muito de ter um flash”, “Amo-os, você não tem noção... tanto quanto aqueles que conheci”. Já Geneviève, consagra-lhes todo o tempo livre que tem: “Quase sempre, antes de ir dormir, em vez de assistir TV, trabalho em minha genealogia. Assim, durmo com meus antepassados!”. Chantal, que afirma na rede: “Acho que nunca sonhei com meus antepassados, mas bem que gostaria!”⁹, decerto a inveja. Tomando o partido do imaginário, do sonho, o genealogista garante a reciprocidade. Pode assim estar certo de atingir suas metas e vencer o desafio da “conversaço”. Ou quando o genealogista faz-se gênio.

Entender a paixão pela genealogia como uma resistência às novas formas de parentesco é, no final das contas, um contrassenso. O parentesco que ela instaura, na imaginação e na prática, repousa tanto quanto as novas formas de parentesco na eleição e na vontade de se realizar na interação com outrem. Quem garante mesmo que o genealogista não é mais operacional do que o “novo parente”... Seja como for, sua experiência soa como um sério convite a reconsiderar, de maneira menos redutora, esse espaço de negociação e de realização que a família é, para não mais limitar simplesmente nosso olhar às relações conjugais e parentais.

8 <http://copainsdavant.linternaute.com/question-reponse/293074/cousinade/>

9 blog.myheritage.fr/2012/08/rever-de-ses-ancetres/

Referências

BURGUIERE, André. “La généalogie”. In: NORA, Pierre. (Org.). *Les lieux de mémoire, T III, Les France, Vol 3, De l’archive à l’emblème*. Paris: Gallimard, 1992. p. 18-51.

BUTAUD, Germain; PIETRI, Valérie. (Orgs.). *Les enjeux de la généalogie, XIIIe – XVIIIe siècle: pouvoir et identité*, Paris: Autrement, 2006.

DUBY, Georges. “Remarques sur la littérature généalogique en France aux XI^{ème} et XII^{ème} siècles». *Hommes et structures au Moyen-Age*, Paris, 1973. p 335-345.

----- . “Le lignage: X^{ème}-XIII^{ème} siècles». In: NORA, Pierre. (Org.). *Les lieux de mémoire, T II, La Nation, Vol 2*. Paris: Gallimard, 1986. p. 31-56.

FABRE, Daniel. (Org.). *Ecritures ordinaires*. Paris: POL, 1993.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *La maison et le nom: stratégies et rituels dans l’Italie de la Renaissance*. Paris: Editions de l’EHESS, 1990.

----- . “La genèse de l’arbre généalogique”. *Cahiers de Léopard d’Or*, n. 2, p. 41-81, 1993.

----- . *L’arbre des familles*. Paris: Editions de la Martinière, 2003.

MINISTERE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION. *Aperçu des usages d’Internet par les généalogistes*, Synthèse des résultats de l’enquête réalisée en décembre 2006 par Médiamétrie//NetRatings, à la demande du Ministère de la Culture et de la Communication, Document de travail, n° 1272. Paris, 2007, 12 p. Disponível em: <http://www2.culture.gouv.fr/deps/pdf/dt/dt1272.pdf>.

RIBERT, Evelyne. “La généalogie comme confirmation de soi”. In: BARTHELEMY, Tiphaine; PINGAUD, Marie-Claire. (Org.). *La généalogie, entre science et passion. Actes du 120^{ème} Congrès du CTHS*. Paris: Editions du CTHS, 1997. p. 377-391.

SAGNES, Sylvie. “De terre et de sang: la passion généalogique”. *Terrain*, n. 25, p. 125-145, 1995. Disponível em: <http://terrain.revues.org/document2857.html>.

----- . “L’écriture de la généalogie”. In: BARTHELEMY, Thiphaine ; PINGAUD, Marie-Claude. (Org.). *La généalogie, entre science et passion. Actes du 120ème Congrès du CTHS*. Paris: Editions du CTHS, 1997. p 167-178.

----- . “Une parenté sur mesure... Les nouvelles formes de parenté à l’épreuve de l’acharnement généalogique”. FINE, Agnès. (Org.). *Adoptions: ethnologie des parentés électives*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme, 1998. p. 275-309.

----- . “Cultiver ses racines: mémoires généalogiques et sentiment d’autochtonie”. *Ethnologie française*, “La multiplication des territoires”, t. XXXIV, v. 1, p. 31-40, 2004. Disponible en: <http://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2004-1-p-31.htm>.

SEGALEN, Martine; MICHELAT, Claude. “L’amour de la généalogie”. In: SEGALEN, Martine. (Org.). *Jeux de famille*. Paris: Presses du CNRS, 1991. p. 193-208.

SINGLY, François de. *Le soi, le couple et la famille*. Paris: Nathan, Collection Essais et Recherches, 1996.